

O Jequitinhonha.

Paulo André – Novembro 2024.

... Havia gente para entrevistas, fotografias e escrita fora as outras arrumações de que precisa uma viagem. Essa gente sempre tem umas ideias no alforje que é para o gasto comum, mas está sempre lendo para encher a despensa - é bom ficar por perto - essa gente costuma ter uma boa prosa... Do topo do espinhaço, a professora Ivana – entre emoção e expectativa - apontava com o dedo, como se pudesse sentir aquela neve por cima do pico – Ali é o Itambé. O tempo aqui é marcado por Datas e ao fundo o quilombo Raiz. Do outro lado da serra tem uns brejinhos miudinhos, umas aguazinhas limpas e bem nutridas que vão se juntando a outras e mais outras e não se sabe com quantas outras e, é assim que se encorpa o Jequitinhonha que vai serpenteando montanha abaixo em seu – vale - território sagrado, banhando biomas, bichos e gente. Nessa tarde visitou e ouviu a comunidade quilombola Raiz, sua experiência, suas lutas - suas lapas – suas flores sempre vivas, sua fauna, sua flora e dona Erci com sua sabença transformando ervas, raízes, folhas e flores em saúde – experienciou-se tão clara as águas de uma nascente logo pertinho de casa. Mesmo com tanta coisa para aprender, necessitava chegar à Diamantina tão emblemática, pois havia o lançamento de dois livros, “os vales que educam” e as “benzedeiças do Jequitinhonha”. Esse momento mágico e a chuva foram benzendo a caminhada da serra ao mar, a mística e a magia... O sertão.

E foi o primeiro dia...

A neblina insistente obrigava algumas pessoas a cobrir suas malas, pois diziam que o bagageiro do micro ônibus molhava, mas tudo posto partiu e logo pode atravessar o Jequitinhonha na Mendanha e quando chegou-se a chapada os “alemães” se surpreenderam com o enorme maciço de eucaliptos que infestou o cerrado. Em Minas Novas almoçou na pensão da “Tutu” e logo teve a visita ao sobradão. – foi dito que no país das Minas Novas será instalado o Campus Quilombo que já tem orçamento para começar as obras, motivo de grande alegria. Ali, Irene ensinou sobre o “boi me deu”, falou com entusiasmo do bom sucesso e do fanado, e, a busca da santa, da festa do rosário e seus milagres - os tambores: Santana chama; Santaninha responde e Jeremias chora – Irene,

Vanda e Ciele apresentaram o sobradão, a grande expressão em artesanato, fazeres e saberes, mas pelo adiantado da hora não se viu tudo. Em Chapada do Norte a igreja de nossa senhora do rosário estava de portas abertas com seus encantos e mistérios. Adriana contou a história da tingui; Maurício contou a história da festa de nossa senhora do rosário e sua ancestralidade e Murilo tambozeiro adentrou arrastando uma espora no pé, com sua alegria de menino grande, disse que tem muita energia nessa festa – rindo tocou o tambor e permitiu que os visitantes experimentassem a pancada dos tambores. Daí a pouco atravessou a ponte de madeira sob o Capivari, que ainda mete medo em muita gente, em Berilo outra ponte de madeira sob um córrego seco, mas pode se ver as águas do Araçuaí, passou em Sucuriú. Atravessou o Setúbal e o Gravatá. A noite fez a apresentação da gente do Jequitinhonha aos alemães e Sebastian interrogou sobre o que percebemos? Era noite de lua cheia.

E foi o segundo dia...

Em Itira viu-se o Araçuaí abraçando o Jequitinhonha num encantamento sem precedentes e na Aldeia Cinta Vermelha Jundiba ouviu-se a fala mansa de Cleonice e sua filha e mais o Ivan contarem a história de luta e coragem de um povo que tem resistido e cuidado de seu território em todas as suas dimensões – natureza e gente – apendeu sobre educação, o moço Rone - Ribeirão pretano mineiro Jequitinhonhês e seus vários nascimentos, Sueli entre risos e lágrimas e Renata baiana mineira chegante a região contaram sobre o Campus Quilombo que chegou pretendendo atender as demandas do povo. Visitou-se a chapada do lagoão com muitas áreas de cerrado, o pequi estava em flores, a mangaba estava verde, mas pode comer cagaita de uns pés a beira da estrada. Naquela tarde, ainda visitou a comunidade Poço D'Antas já no município de Itinga. Esta comunidade encontra-se espremida e cercada pela mineração do lítio, o que deixou os visitantes espantados com tamanha destruição a beira do agonizante córrego Piauí. Chegou a Itinga a noite onde se dormiu depois de um aperreio todo por causa de uma pensão que não cumpriu o combinado e não garantiu a hospedagem, mas no final se resolveu.

E foi o terceiro dia...

No pasmado comprou artesanato para presentear os parentes nas aldeias e terreiro. Nesse ponto da estrada já se podia ver a caatinga em contraste com a monocultura de bananas irrigadas pelas águas do Jequitinhonha, em Itaobim atravessou a BR 116. Na Escola família Renascer que fica no Assentamento Campo Novo, João Neto com sorriso de adolescente e alegria sem tamanho, mostrou as abelhas sem ferrão e conduziu uma aula prática e didática sobre aqueles seres que produzem um dos milagres da natureza – o mel - ouviu-se a história da terra da região contada pelo senhor Adão que esteve no sindicato nessa época das grandes fazendas e suas mãos grossas vivenciaram o trabalho de meia com o patrão - conflitos e ameaças - mas hoje no assentamento campo novo tem tantas novidades e a EFA é mais um dos resultados de luta. A gameleira imponente a beira do Jequitinhonha trouxe sossego e paz e o almoço arrebatador fruto da produção local e das mãos mágicas das cozinheiras. Na cidade de Jequitinhonha a beira do rio, Geralda, a Gera dos índios dita – pacienciosa - ensinou que ali foi o quartel de São Miguel - quartel central - sede da guerra justa contra os índios. Que ali perto tinha o quartel da água branca no território de Jo Imá que atualmente se chama Joáima, em Almenara era o quartel da vigia, em Salto da Divisa era o quartel de salto grande e o quartel da ilha de cachoeirinha já ficava na Bahia. Em Almenara teve prosa à noite para tomar mais conhecimento, regada à poesia, cachaça e música.

E foi o quarto dia...

Com música, mística e uma calorosa recepção adentrou-se ao assentamento Dom Luciano em Salto da Divisa, onde a farta mesa estava posta e Edivaldo contou a história dos grandes latifúndios naquela região - das ameaças - e disse também da comunidade cabeceira do piabanha que fica dentro de um parque – o parque do cariri - mas mesmo assim teve que sair, pois onde vivia tem uma grande reserva de minério e hoje vive em Santa Maria do Salto. E irmã Geraldinha explicou com foi à luta para estar ali e o que ainda enfrentam para permanecer na terra. Depois do farto almoço regido por dona Ana, seguiu se para a cidade de Salto da Divisa, onde dona Lourdes da associação dos extratores de pedra, Gilvecília lavadeira e senhor Ademir pescador contou a história da hidrelétrica de Itapebi e seus impactos e que ainda não foram resolvidos, mostrou os lugares construídos pela hidrelétrica, mas que não

representa a realidade do povo e ninguém faz uso. Visitou também a ocupação irmã Dorothy e do alto se viu o agonizante rio Jequitinhonha, preso, sufocado pela hidrelétrica e debaixo d'água o tombo da fumaça que é patrimônio cultural, mas que nunca mais foi visto. Entrou em terras baianas e da BR 101 avistou os paredões que prenderam e sojigaram o Jequitinhonha. Nesse dia dormiu-se na cidade de Itapebi nas águas mágicas da Bahia.

E foi o quinto dia...

Itapebi - A cidade baixa, a cidade alta. A enorme canoa de tantos metros exposta na praça histórica do lugar demonstrando a grandiosidade que foi o rio Jequitinhonha e todo o potencial da região – disseram que era para transportar cacau nos tempos antigos - meu avô ajudou a conduzi-la, afirmou o cacique Rone – Assim atravessou o Jequitinhonha para a Aldeia indígena Encanto da Patioba, mas foi em canoa dessas que tem motor que voou ligeira quatro vezes de um lado para outro. E lá o cacique Rone explicou que sua trisavó já tinha aquela terra nos idos do século XIX e que eles mantêm as tradições antigas, que o rio hoje se passou de canoa, mas que tem dias que passa a pé, pois a vazão fica baixa, pois logo acima está a hidrelétrica de Itapebi – todos os presentes ficaram admirados com a preservação e cuidados da aldeia. E seguiu para a aldeia tupinambá Patiburi e quando desconfiou das distâncias já estava em Barrolândia, voltou grande trecho e novamente perdeu-se dentro dos eucaliptos, com muito custo chegou se a aldeia onde o farto almoço esperava há tempo, a cacique Cátia explicou a dificuldade de conseguir permanecer ali, pois “eles - os grandes tem a caneta - e nós indígenas só a borduna”. Chegou-se em Belmonte a tardezinha, num cansaço enorme, mas a noite o terreiro do pai Ujuraí esperava – iluminado de brancas cores e de tão grande aconchego – aprendeu-se sobre tradições, ancestralidade, orixás, cosmovisões e amor ao próximo.

E foi o sexto dia...

Sebastian, esse moço alemão que gosta de interrogação – o que você nunca vai esquecer-se dessa viagem? Como é a experiência da grandeza do Brasil? O que toca a gente? Qual motivação a partir de agora? Qual esperança? Em que sentido fez novas companhias? E ouviu-se o grito “O campo, dos vales, os vales, que educam, educação do campo!” Seguiu-se para a última praia do

Jequitinhonha – a praia de caieira - naquele trecho, como explicou bem o moço da barraca que ensinou o caminho para alcançar o mar. Dizia ele, que havia muitas praias no Jequitinhonha, mas que só restou aquela. Agora o rio chega sem forças para enfrentar o atlântico e o mar robusto e fornido de tantas ondas vai engolindo o rio, que tristemente vai sucumbindo juntamente com suas riquezas, vidas e culturas. O almoço teve bom e foi na sede da associação das marisqueiras que nos contou a história de suas lutas e das dificuldades que enfrentam – dali partiu direto a Araçuaí.

E foi o sétimo dia...

Seguiu bem cedo para Diamantina, na estrada se viu o lago de Irapé esgoelando o Jequitinhonha.

Eis o oitavo dia... O rio velho ou novo, pertence ao povo. E... Ficou o gostinho esperançoso de outra viagem por esse território Jequitinhonha mineiro-baiano, tão maltratado, tão sofrido, tão cantado e tão desconhecido...